

Companhia Siderúrgica Mineira (1917-1921)

Galba Ribeiro Di Mambro*

Abstract

This study looks at the Minas Iron Company (Sabará, MG) from its origins in 1917—how it functioned and the difficulties it encountered—until its extinction in 1921.

Keywords: Minas Iron Company, 1917-1921; Minas iron

Resumo

Estudo das origens da Companhia Siderúrgica Mineira (Sabará-MG), em 1917, de seu funcionamento e dificuldades enfrentadas, até sua extinção em 1921.

Palavras-chave: Companhia Siderúrgica Mineira; 1917-1921; Siderurgia mineira.

Introdução

A Companhia Siderúrgica Mineira, constituída em 1917, em Sabará-MG, é geralmente lembrada por ter sido a *célula-mater* da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, considerada uma importante siderúrgica *brasileira*. De fato, a Siderúrgica Mineira desempenhou um papel estratégico para a constituição da Belgo-Mineira. Apenas não se estudou, ainda, o que foi a Siderúrgica Mineira e quais as dificuldades que a levaram a se render ao capital franco-belgo-luxemburguês, liderado pela empresa siderúrgica luxemburguesa ARBED (Aciéries de Burbach-Eich-Dudelange).

A Siderúrgica Mineira foi constituída durante a Primeira Guerra, que gerou expectativas favoráveis ao ramo siderúrgico. Suas ins-

* Mestre em História pela UFF, Professor do Depto. de História da UFJF

talações eram avançadas. Construiu o maior alto-forno do Brasil, com instalações modernas para a época. Sua capacidade produtiva era considerável. Mas, os dirigentes da empresa enfrentavam duas dificuldades fundamentais: capital financeiro e tecnologia. O presente artigo aborda as origens da Companhia Siderúrgica Mineira, seu funcionamento, dificuldades enfrentadas e os esforços feitos por seus dirigentes para permitir a sobrevivência da empresa.

A siderurgia brasileira durante a I Guerra

A siderurgia brasileira esteve estagnada até a primeira guerra mundial,¹ que constituiu um estímulo considerável para a sua expansão. Entretanto, este estímulo não deve ser superestimado.² As importações de produtos siderúrgicos foram dificultadas em consequência da guerra, estimulando a substituição de produtos importados por similares brasileiros, favorecendo a produção de ferro e aço no Brasil.³ A guerra levou o governo brasileiro a adotar medidas favoráveis à exploração do carvão mineral e aproveitamento do minério ferro do país.⁴

Apesar do apoio governamental, não ocorreu aumento significativo, durante a guerra, na capacidade produtiva do setor siderúrgico brasileiro. As empresas existentes não expandiram sua capacidade produtiva em grande escala. Por outro lado, as empresas que surgiram na época eram de pequeno porte. Sendo assim, o crescimento da produção siderúrgica que ocorreu no período resultou principalmente da utilização da capacidade ociosa até então existente nas usinas brasileiras.⁵ Outro aspecto da questão a ser considerado é que, da mesma forma como a guerra dificultava a importação de produtos siderúrgicos, dificultava, também, a importação de bens de capital necessários à ampliação da capacidade produtiva.

A Usina Esperança, localizada em Itabirito (MG), criada

¹ LOCATELLI, R. L. *Siderurgia e desenvolvimento econômico regional*, Brasília: 1978, p. 33.

² Caio PRADO JÚNIOR considerou que a guerra deu um "impulso sério" à siderurgia brasileira. Cf. *História econômica do Brasil*, 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 274. Werner BAER, afirmou que os efeitos da guerra sobre a siderurgia brasileira "não foram muito pronunciados". Cf. *Siderurgia e desenvolvimento brasileiro*, Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p.81-82.

³ LOCATELLI, R. L., op. cit., p.33.

⁴ DECRETOS no. 12.943 e 12.944, de 30/03/1918. Cf. ABREU, Alzira Alves de & PROENÇA, Maria Luíza de Carvalho. *A siderurgia no Brasil; a criação de Volta Redonda*. s. n. t. /Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 1968/, p. 23. Ver, ainda, BRAGA, Carlos Alberto Primo, *Siderurgia no Brasil; história e análise da competitividade internacional do setor nos anos 70*. São Paulo: Dissertação de Mestrado na USP, 1980, p. 51-52.

⁵ BRAGA, C. A. P., op. cit., p. 51-52.

em 1888, elevou sua produção de ferro gusa de 3.2259 para 15.316 toneladas, durante o período de 1915 a 1920.⁶ A participação da produção brasileira no mercado internacional do ferro e aço cresceu de 13%, antes da guerra, para 19%, em 1916, atingindo 43,5% no final da década de 1920.⁷ A produção de ferro gusa em Minas Gerais era estimada em 3.000 toneladas, em 1914.⁸ Em 1919 atingia 10.000 toneladas. Era um crescimento muito pequeno. A indústria siderúrgica em Minas Gerais e no Brasil continuava insignificante, conforme mostrou o Censo Industrial em 1920. Neste ano, contribuía apenas com 2,2% da produção industrial do Estado de Minas Gerais, enquanto a produção das indústrias alimentares correspondia a 51,5%.⁹

O ferro gusa produzido no Brasil durante e logo após a Primeira Guerra destinava-se, especialmente, ao uso de pequenas fundições. A produção de aço no período imediatamente posterior à guerra era insignificante. Os consumidores brasileiros dependiam, em sua quase totalidade, da importação de aço estrangeiro.¹⁰

Terminada a guerra, o Brasil reiniciou a importação de produtos siderúrgicos, o que trouxe conseqüências negativas para a rentabilidade dos produtores nacionais. O governo brasileiro continuou sua política de incentivo à siderurgia brasileira sem, entretanto, satisfazer os pedidos de maior proteção alfandegária.¹¹

Constituição da Companhia Siderúrgica Mineira

Em 1917, durante a Primeira Guerra, foi criada a Companhia Siderúrgica Mineira, em Sabará.¹² Neste mesmo ano foram criadas duas outras empresas siderúrgicas. A Compa-

⁶ PRADO JÚNIOR, C., op. cit., p. 274.

⁷ LOCATELLI, op. cit., p. 274.

⁸ BAER, W., op. cit., p. 82. Os dados são repetidos por LOCATELLI, R. L., op. cit. e também em HISTÓRIA da Siderurgia Brasileira. *Anuário do Instituto Brasileiro de Siderurgia*, Rio de Janeiro: 1972, p. 13.

⁹ LOCATELLI, R. L., op. cit., p. 33.

¹⁰ BAER, W., op. cit., p. 82.

¹¹ BRAGA, C. A. P., op. cit., p. 52.

¹² O ano de fundação da Companhia Siderúrgica Mineira foi objeto de engano por parte de algumas fontes. Teria sido 1916, conforme consta do *Bulletin de Documentation Économique*, Bruxelles, v. 7, n. 228, p. 935, 16 sept. 1922. O ano de 1918 está indicado por ALMEIDA, L. M., *Passeio a Sabará*, 2. Ed. São Paulo: Martins, 1956, p. 113. Este mesmo ano é indicado, também pela *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1959, v. 27, p. 97. O ano de 1912 é indicado por SILVA, Alfredo Américo da., *O papel da siderurgia no desenvolvimento de uma nação; palestra...*, Volta Redonda: Sidergráfica, 1970, p. 15.

nhia Siderúrgica Brasileira foi fundada por Carlos Wigg e Trajano de Medeiros. A Companhia de Mineração e Metalurgia tinha Antônio da Costa Lage como maior acionista.¹³ Ainda em 1917, a Companhia Ferrum, localizada no Rio de Janeiro, produziu aço em lingote pela primeira vez no Brasil, sob a orientação de Erik Tisklind. Possuía um pequeno forno "Siemens-Martim" de três toneladas de capacidade.¹⁴

A criação da Companhia Siderúrgica Mineira resultou das expectativas criadas pela Primeira Guerra, favoráveis à utilização de reservas de minério de ferro em Minas Gerais e à substituição dos produtos importados.¹⁵

O engenheiro Christiano Guimarães, um dos fundadores da Siderúrgica Mineira, rememorando a época, escreveu:

Julgo conveniente dar mais um esclarecimento, tão somente para retratar as condições em que se encontrava a indústria siderúrgica em nosso meio lá pelos idos de 1917. Se não me trai a memória de velho, apenas existia uma Usina em funcionamento no país, a de Esperança (...) Contava-se ainda um alto-forno em /Miguel/ Burnier, pertencente à Usina Wigg, porém apagado já havia alguns anos.¹⁶

Os altos-fornos da Usina Esperança eram incapazes de atender às encomendas. O ferro gusa produzido em Minas Gerais, que era refugado antes da Guerra, encontrava mercado fácil com a nova conjuntura internacional. Surgiu, daí, a idéia de criar uma nova siderúrgica em Minas Gerais.¹⁷

Amaro Lanari, engenheiro formado em 1909 pela Escola de Minas de Ouro Preto, havia estado na Europa em 1915, por um curto período. Voltando ao Brasil estudou a possibilidade de implantação de uma Usina Siderúrgica em Minas Gerais. Em 1916 seu projeto estava amadurecido.¹⁸ A idéia, que entusiasmava Lanari, foi por ele proposta a Christiano França

¹³ BRAGA, C. A. P., op. cit., p. 52, nota 1.

¹⁴ BANCO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE MINAS GERAIS. *Diagnóstico da Economia Mineira*, Belo Horizonte, 1967, v. 5, p. 131.

¹⁵ HORTA, C. R. *Uma História de Pioneirismo*, Belo Horizonte: s.e., 1961, p. 2. PASSOS, Juliana Maria do Nascimento. *Monlevade, vida e obra*, Belo Horizonte: Minas Graf, 1975, p. 113. (Transcreve o primeiro autor sem citar a fonte.) LUCAS, F. O ferro na história do Brasil e de Minas Gerais. *Usiminas*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 27, out. 1976. CINCO idealistas fundaram uma pequena usina. *Belgo-Mineira Notícias*, Belo Horizonte, v. 7, n. 75, p. 3, dez. 1981. (Transcreve, também, o primeiro autor desta nota, sem citar a fonte.)

¹⁶ GUIMARÃES, C. T. Carta ao Jornal "O Pioneiro", s.d. *O Pioneiro*, Belo Horizonte, v. 2, n. 40, p. 4, ago. 1956.

¹⁷ ENTUSIASMO e tenacidade garantiram o êxito da Companhia Siderúrgica Mineira. *O Pioneiro*, v. 3, n. 51, p. 4, jan. 1957.

¹⁸ RIVERA, B., *Pioneiros e expoentes de Minas Gerais*. Belo Horizonte: 1970, p. 27. CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS. *Dicionário de história republicana de Minas Gerais*, Belo Horizonte, verbete: Lanari, Amaro.

Teixeira Guimarães, seu colega de turma, que a recebeu com o mesmo entusiasmo. Os dois engenheiros obtiveram, então, o apoio de duas pessoas de importância na vida econômica e social de Minas Gerais: Sebastião Augusto de Lima (banqueiro e comerciante) e Américo Teixeira Guimarães (industrial).¹⁹ Diversas outras pessoas, ligadas por laço de família ou amizade, prestaram apoio financeiro ao projeto.

Acertados os detalhes necessários entre o grupo ligado a Lanari e Guimarães, foi constituída e instalada a Companhia Siderúrgica Mineira, em 21 de janeiro de 1907, na residência de Christiano Guimarães, em Belo Horizonte, através de uma assembléia de acionistas. A assembléia aprovou os estatutos da empresa, que assumiu a forma jurídica de sociedade anônima.²⁰

A primeira Diretoria eleita na assembléia de fundação foi constituída por Christiano Guimarães, Cel. Sebastião Augusto de Lima e Ovídio de Andrade. Cada Diretor deveria receber a gratificação anual de 1:800\$000 (um conto e oitocentos mil réis) A administração imediata da Companhia ficaria a cargo de um Gerente, o engenheiro Amaro Lanari. O Conselho Fiscal foi constituído por João Gomes do Val, Afonso Vaz de Mello e Flávio Fernandes dos Santos. Foram eleitos suplentes do Conselho: Adelino C. Ferrão Castello Branco, Cel. Américo Teixeira Guimarães e Aurélio Lobo. Os acionistas haviam depositado em banco a quantia de 35:000\$000 (trinta e cinco contos) correspondente à décima parte do capital da sociedade.²¹

A Companhia, cuja sede era em Belo Horizonte, tinha por finalidade a exploração da indústria siderúrgica, entendendo-se por tal a produção de ferro gusa e derivados e a utilização comercial das jazidas de minério existentes nas propriedades que a Companhia iria ainda adquirir. O capital inicial estava estabelecido em 350:000\$000 (trezentos e cinquenta contos de réis) divididos em 1.750 ações nominais de 200\$000 (duzentos mil réis) cada. O capital poderia ser elevado até o valor 1.000:000\$000 (mil contos de réis).²² O capital inicial foi subscrito por vinte acionistas constantes da tabela seguinte:

¹⁹ LANARI, A., op. cit., p. 16. GUIMARÃES, C. T. carta sem data ao jornal O Pioneiro, O Pioneiro, Belo Horizonte, v. 2, n. 40, p. 1 e 4, ago. 1956.

²⁰ ACTA de constituição e instalação da Companhia Siderúrgica Mineira. Junta Comercial do Estado de Minas Gerais - JUCEMG, 3.687. ENTUSIASMO e tenacidade garantiram... op. cit., p. 4.

²¹ Idem.

²² ESTATUTOS da Companhia Siderúrgica Mineira, JUCEMG, 3.687. Segundo foi divulgado, equivocadamente, na Bélgica, o capital da Companhia era de 350 mil réis. Cf. *Bulletin de Documentation Économique*, Bruxelles, v. 7, n. 288, p. 935, 16 sept. 1922.

Subscritores das 1.750 ações da Companhia Siderúrgica Mineira em 21/01/1917

Ações	Subscritores	Residência
250	João Gomes do Val *	São Paulo
150	Maria A. Lanari do Val	São Paulo
080	Cássio Lanari do Val	São Paulo
045	João Gomes do Val Júnior	São Paulo
050	Cássio Lanari *	Matosinhos - MG
250	Amaro Lanari *	Belo Horizonte
050	Américo Teixeira Guimarães *	Cachoeira de Macacos-MG
025	Vigário Antônio Diniz Costa	Inhaúma
200	Christiano F. T. Guimarães *	Belo Horizonte
200	Sebastião Augusto de Lima *	Belo Horizonte
050	Serafim Fernandes Clare	Rio de Janeiro
075	Antônio de Paula Simões	Rio de Janeiro
025	Antonino Pinto Mascarenhas *	Cedro - MG
050	Flávio Fernandes dos Santos *	Belo Horizonte
050	Aurélio Lobo	Belo Horizonte
075	Adelino C. Ferrão C. Branco	Belo Horizonte
025	Ovídio de Andrade *	Belo Horizonte
050	Afonso Vaz de Mello	Belo Horizonte
025	J. A. d'Assumpção	Bom Despacho - MG
025	João de Cerqueira Lima	Itaúna - MG

* Ver dados biográficos na seção seguinte.

FONTE: Lista de subscritores de ações da Companhia Siderúrgica Mineira. Arquivo da Junta Comercial do Estado de Minas Gerais (JUCEMG), n. 3.687. COMPANHIA Siderúrgica Mineira, Célula-Mater da Belgo Mineira. O Pioneiro, v.2, n. 35, p. 1 e 4, maio 1956.

Dados biográficos dos principais acionistas

Amaro Lanari nasceu em Flores, na Argentina, em 10 de janeiro de 1886. Era filho de Cássio Humberto Lanari, também acionista da Companhia. Fez o curso primário no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, Minas Gerais. Seus estudos secundários foram feitos no Colégio Mineiro, em Ouro Preto. Em 1909, diplomou-se em Engenharia de Minas e Civil na Escola de Minas de Ouro Preto. Em seguida passou a trabalhar como engenheiro da Secretaria Estadual de Viação e Obras Públicas. Em 1912, tendo deixado o serviço público, trabalhou para uma empresa privada na construção de um trecho ferroviário ligando Curralinho (atualmente Curvelo) a Diamantina. Dirigiu, pouco depois, a construção do ramal fer-

roviário entre Araraquara e Jaboticabal, no Estado de São Paulo. Em 1915 fez uma viagem à Europa. Em 1917, fundou a Companhia Siderúrgica Mineira, na qual trabalhou como Gerente até 1921, quando a empresa passou a ser controlada por capital belgo-franco-luxemburguês e mudou sua razão social para Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

EM 1922, Amaro Lanari voltou ao serviço público ocupando o cargo de Diretor de Obras da Prefeitura de Belo Horizonte. Posteriormente trabalhou na construção de ferrovias para a Central do Brasil, Oeste de Minas, etc. Entre 1941 e 1943 trabalhou na construção de trecho ferroviário de Santa Cruz de la Sierra, da Ferrovia Brasil-Bolívia. Em 1945, fundou a siderúrgica Lanari S. A. Indústria e Comércio, com seus filhos e a participação de seu amigo Christinano Guimarães. A Usina Santo Amaro, desta empresa, localizou-se em Paracambi, Estado do Rio de Janeiro.²³ Como se vê, a experiência profissional de Lanari situava-se mais no ramo da engenharia civil (especialmente ferroviária) que na metalúrgica, embora tivesse se diplomado nos dois ramos.

Durante a administração de Olegário Maciel como Presidente do estado de Minas, Lanari trabalhou na Secretaria das Finanças. Havia participado da conspiração que levou ao golpe de 1930. Participou, com Gustavo Capanema e Francisco Campos, da organização da Legião de Outubro. Lanari veio a se tornar, depois, membro do movimento fascista brasileiro, o Integralismo, integrando sua alta direção. Foi, ainda o criador da Fundação Gorceix, entidade que visava prestar assistência à Escola de Minas de Ouro Preto. Lanari faleceu em 23 de maio de 1968, com 82 anos.²⁴

Amaro Lanari estava ligado, por laços familiares, a outros acionistas fundadores da Companhia Siderúrgica Mineira. Era filho de Cássio Lanari e genro de Ovídio de Abreu. Sua irmã, Maria Augusta Lanari do Val, era casada com João Gomes do Val. O casal tinha os filhos Cassio Lanari do Val e João Gomes do Val Júnior, que eram acionistas da empresa. A irmã de Lanari, Sylvia Guatimozim, era casada com Gil Guatimozim. Este, embora não fosse acionista da Companhia, foi uma de suas mais importantes figuras.²⁵

Christiano França Teixeira Guimarães nasceu em Sete Lagoas, Minas Gerais, em 8 de dezembro de 1985, sendo filho de Américo Teixeira Guimarães, que foi, também, acionista da Companhia. Chistiano fez seu curso primário em Cachoeira

²³ *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24 maio 1968, p. 4. RIVERA, B., op.cit., p. 27. CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS. *Dicionário...*, loc. cit. LANARI, A., op. cit., p. 27.

²⁴ *Idem*.

²⁵ CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS, *Dicionário...*, loc. cit. *Minas Gerais*, 23 maio 1923, p. 11.

de Macacos (MG). Iniciou o secundário em Sabará e terminou no Colégio Mineiro, em Ouro Preto, tendo também estudado algum tempo no Colégio Oficial, em Belo Horizonte. Em 1909 diplomou-se em Engenharia pela Escola de Minas de Ouro Preto. Mudou-se, em seguida, para o Rio de Janeiro onde trabalhou com o comércio de implementos industriais. Pouco depois retornou para Minas Gerais, assumindo a gerência da Companhia Industrial Belo Horizonte, por ele fundada. Além desta e da Siderúrgica Mineira, Christiano Guimarães fundou, também, a Companhia Renascença Industrial, a Companhia Industrial Cachoeira de Macacos e a Companhia de Seguros Minas Brasil. Participou, ainda, da fundação da Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais e, em 1923, da fundação do Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais. Foi Vice-Presidente deste banco até 1926 quando assumiu sua Presidência. Faleceu em 1970, aos 85 anos.²⁶

Há um aspecto importante da carreira de Christiano que deve ser destacado. De 1918 a 1920 foi encarregado do Consulado da Bélgica em Belo Horizonte.²⁷ O Cônsul, J. Verdussen era o único belga residente em Belo Horizonte. Designou Christiano para desempenhar a função de Chanceler do Consulado, o que o tornava sucessor do Cônsul em suas ausências. Ao informar a designação ao Ministro do Exterior da Bélgica, Verdussen escreveu sobre Christiano:

*... sous tous les rapports peut être des plus utiles aux intérêts des Belges. C'est un brésilien des plus sérieux, Ingénieur des mines, à la tête de diverses entreprises industrielles et dans une situation tout à fait indépendante vis-a-vis du gouvernement.*²⁸ (Sublinhamento nosso.)

Em 1920, J. Verdussen deixou o Consulado da Bélgica, descontente por não ter conseguido um posto que pretendia. Christiano Guimarães passou, então, a ocupar interinamente a chedra do Consulado.²⁹ Em 04 de março de 1923, Christiano transferiu o cargo, as peças e todos os objetos do Consulado

²⁶ SCHLESINGER, H. *Enciclopédia da Indústria Brasileira*, São Paulo: 1954, p. 415. *Minas Gerais*, 3 set. 1970, p. 4. Ver, também, SIDERURGISTA há 40 anos. *O Pioneiro*, v. 3, n. 51, p. 1, jan. 1957. CARINHOSAS homenagens ao Dr. Christiano Guimarães, *ibidem*, v. 3, n. 68, p. 1, out. 1957. COMPANHIA Siderúrgica Mineira, Célula-Mater da Belgo-Mineira, *O Pioneiro...*, v. 2, n. 35, p. 1 e 4, maio de 1956.

²⁷ *Minas Gerais*, 3 set. 1970, p. 4.

²⁸ VERDUSSEN, J., à Hymans. Belo Horizonte, 7/08/1919. Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Bélgica (AMAEB), Dossier Personnel 1356, 1o. maço. O sublinhamento é nosso. O futuro mostraria como o Cônsul estava correto em suas palavras.

²⁹ FALLON, A. Embaixador da Bélgica no Brasil, a J. Jaspar, Ministro do Exterior da Bélgica. Rio de Janeiro, 15/12/1922. JASPAR, H. a FALLON, A. Bruxelas, 17/05/1922. AMAEB, Doss. pers. 1356, 1o. maço.

a Hector Fauconnier, nomeado Cônsul em 1^o de outubro de 1922.³⁰ Nesta ocasião a Companhia Siderúrgica Mineira já havia se transformado em Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, e Fauconnier era seu Secretário Geral.³¹ Guimarães, por ter se desentendido com a direção da Belgo-Mineira, onde ocupava um cargo,³² decidiu pedir, também, demissão do Consulado.

Cassio Lanari, pai de Amaro Lanari, era italiano, nascido em Ancona em 1855. Após ter residido na Argentina, veio para o Brasil, passando a morar em Minas Gerais, no início da última década do século XIX. Era um rico agricultor do município de Matosinhos. Faleceu no dia 22 de maio de 1923, com 68 anos.³³

O Coronel Sebastião Augusto de Lima nasceu em Gouvêa, em 20 de janeiro de 1867. Estudou no Seminário de Diamantina. Diplomou-se pela Escola de Farmácia de Ouro Preto. Nesta cidade foi líder estudantil e colaborador do jornal *Província de Minas*. Em 1892, foi residir na cidade do Serro-MG, onde se casou e atuou na vida política. Foi vereador, Presidente da Câmara e deputado estadual, a cujo mandato renunciou. Em 1913, mudou-se para Belo Horizonte, onde se dedicou ao comércio e à indústria. Além de acionista fundador da Siderúrgica Mineira, participou, também da fundação de diversas empresas industriais e bancárias, como o Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais, Companhia Renascença Industrial, Companhia de Seguros Minas Brasil, Companhia Industrial Belo Horizonte. Estas eram firmas de cuja fundação participou também Christiano Guimarães. Augusto de Lima faleceu em 24 de novembro de 1953, com 86 anos.³⁴

Ovídio João Paulo de Andrade era sogro de Amaro Lanari. Nasceu em Ituverava, em 1883, filho do Conselheiro Ovídio de Andrade. Fez o curso secundário no Colégio Mineiro de Ouro Preto. Diplomou-se pela Faculdade de Direito desta cidade. Logo após voltou para Ituverava, onde passou a exercer a advocacia e militar na vida política. Em 1913, mudou-se para Belo Horizonte, continuando a advogar, além de trabalhar na administração do Estado. Foi membro do Partido Re-

³⁰ Fauconnier recebeu o "exequatur" do governo brasileiro em 18 de janeiro de 1923. Cf. PROCÈS verbal de remise et reprise du poste consulaire de Belgique de Bello Horizonte. Belo Horizonte, 04/05/1923. AMAEB: Doss. Pers. 1.759.

³¹ FALLON, A. à Henri Jasper. Rio de Janeiro, 14/08/1922. AMAEB: Doss. Pers. 1.356, 1o. maço.

³² Gaston Barbanson, sabendo que o Cargo de Cônsul da Bélgica em Belo Horizonte estava vago, empreendeu gestões a favor de Christiano Guimarães. Entretanto, veio a saber, por telegrama, que Guimarães desejava se retirar do Conselho da Belgo-Mineira e não queria mais ser Cônsul. Sugeriu, então, para o cargo, o Major Hector Fauconnier, Secretário Geral da Belgo-Mineira. Cf. BARBANSON, G. Presidente do Conselho de Administração da Belgo-Mineira, à Henri Jasper, Ministro do Exterior da Bélgica. Luxemburgo, 22/07/1922. AMAEB: Doss. Pers. 1.356, 1o. maço.

³³ *Minas Gerais*, 23 maio 1923, p. 11 e 24 maio 1968, p. 4. Ver, também, 24 maio 1923, p. 7.

³⁴ *Ibidem*, 25 nov. de 1953, p. 8.

publicano Mineiro e, depois, do Partido Republicano, de cujo diretório estadual foi presidente. Foi deputado em várias legislaturas e membro da Constituinte de 1946. Durante muitos anos foi membro do Conselho Regional da Ordem dos Advogados. Faleceu no dia 13 de janeiro de 19959, com 76 anos.³⁵

João Gomes do Val, agricultor no Estado de São Paulo, era casado com Maria Augusta Lanari do Val, irmã de Américo Lanari e também acionista da Companhia.³⁶ Américo Teixeira Guimarães era industrial e pai de Christiano Guimarães.³⁷ Flávio Guimarães dos Santos foi Prefeito de Belo Horizonte. Durante sua gestão, Amaro Lanari foi Chefe de Obras da Prefeitura, em 1922.³⁸ Antonino Pinto Mascarenhas, residente em Cedro-MG, era, certamente, da família Mascarenhas, ligada à indústria têxtil em Minas Gerais.³⁹

Gil Guatimozin, embora não tenha sido acionista da Companhia, merece destaque por sua atuação como engenheiro da usina. nasceu em 26 de junho de 1888, em Porto Alegre. Em 1918, concluiu o curso de Engenharia Civil e de Minas na Escola de Minas de Ouro Preto. Em 1916, havia se casado com Sylvania Lanari Guatimozin, irmã de Amaro Lanari.⁴⁰ Foi chamado para dirigir a construção do alto-forno da Companhia.⁴¹ Foi professor da escola de Minas de Ouro Preto. Na ocasião em que chefiava o Departamento de Eletricidade do Estado de Minas, lecionou na Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Gil Guatemizim foi empreiteiro de estradas de rodagem (Ibiá-Araxá e Belo Horizonte-Peçanha). Projetou altos-fornos em Minas Gerais e Mato Grosso (Corumbá). Trabalhou para a Usina Wigg, Acesita e Usiminas (siderúrgicas). Trabalhou, também, para a Rede Mineira de Viação e Estrada de Ferro Central do Brasil. Faleceu em 1^o de maio de 1962, com 74 anos.⁴²

³⁵ *Ibidem*, 17 jan. 1959. O FALECIMENTO do Dr. Ovídio de Andrade. *O Pioneiro*, v. 5, n.87, p. 8, fev. 1959.

³⁶ *Minas Gerais*, 23 maio 1923, p. 11.

³⁷ *Ibidem*, 3 set. 1970, p. 4.

³⁸ *Ibidem*, 24 MAIO 1968, P. 4. CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS. *Dicionário...*, loc. cit.

³⁹ Sobre a família Mascarenhas, ver: MASCARENHAS, N. L. *Bernardo Mascarenhas; o surto industrial de Minas Gerais*, Rio de Janeiro: Aurora, 1954. TAM, P. A família Mascarenhas e a indústria têxtil em Minas Gerais, s. d.

⁴⁰ *Minas Gerais*, 08 maio 1962, p. 15.

⁴¹ RESULTADO da obstinação e espírito empreendedor. *Atualidades do Vale do Piracicaba*, n. 150, p. 6, 11 dez. 1971. COMPANHIA Siderúrgica Mineira, Célula-Mater..., op. cit., p. 4.

⁴² *Minas Gerais*, 8 maio 1962, p. 15. ENTUSIASMO e tenacidade garantiram... *O Pioneiro*, v. 3, n. 51, p. 4, jan. 1957. Ver também: GUIMARÃES, C. T. Carta ao jornal *O Pioneiro*. *O Pioneiro* v. 2, n. 40, p. 4, ago. 1956.

Propriedades, equipamentos e instalações

Imediatamente após a constituição da sociedade foram tomadas as providências para a concretização de seus objetivos. Amaro Lanari foi designado Gerente.⁴³ Os dirigentes da empresa buscaram o lugar mais adequado para a construção da usina siderúrgica pretendida. Vários municípios esforçaram-se por ser escolhidos, mas a escolha recaiu sobre o município mineiro de Sabará, por várias razões. Estava próximo a fontes de abastecimento e à capital do Estado de Minas. Sua localização permitia uma relativa facilidade de meios de transporte. A cidade dispunha de um nível cultural elevado e mão-de-obra para a usina.⁴⁴

Sabará tinha sido uma das mais importantes regiões auríferas do Brasil. Mas, com a decadência da mineração a cidade passou a viver em crise, especialmente na época da criação da Siderúrgica mineira, quando o desemprego era quase geral. Por isto, a decisão da Siderúrgica Mineira de se instalar na cidade representou uma grande esperança para seus habitantes.⁴⁵

Chistiano Guimarães, Amaro Lanari, Gil Guatimozin e Ovídio de Andrade reuniram-se em Sabará na casa de José Alves Nogueira, Prefeito Municipal. Os dirigentes da Companhia haviam examinado duas propriedades, sendo uma delas a do Prefeito e a outra de José machado Chaves. Este último fez oferta vantajosa e teve suas terras adquiridas. Em outras épocas, a propriedade tinha sido lavra de mineração de ouro. A Companhia iria construir suas instalações naquelas terras. Adelino Ferreira Castelo Branco, acionista da empresa, ofereceu suas jazidas de oligogisto, localizadas em Segredo, município de Sabará, à margem do ramal ferroviário de Santa Bárbara. As jazidas foram adquiridas para o abastecimento da futura usina.⁴⁶ As jazidas estavam situadas a quatro quilômetros da usina.⁴⁷

⁴³ COMPANHIA Siderúrgica Mineira, *Célula Mater...*, op.cit. p. 4., GUIMARÃES, C. T., carta sem data ao jornal "O Pioneiro", loc.cit.

⁴⁴ ENTUSIASMO e tenacidade garantiram ..., op. cit., p. 4.

⁴⁵ Idem. RESULTADO de obstinação e espírito empreendedor. *Atualidades do Vale do Piracicaba*, n. 150, dez. 1971, p. 6. COMPANHIA Siderúrgica Mineira. Sabará-Gazeta, v. 1, n.1, p. 2, 1o. set. 1918.

⁴⁶ COMPANHIA Siderúrgica Mineira. *As Alterosas*, Belo Horizonte, v. 2, n. 13, p. 8, 27 jan. 1917. Segundo esta fonte a usina foi construída na propriedade de Segredo. ENTUSIASMO e tenacidade garantiram..., op. cit. p. 4. TAMBÉM este viu nascer a Belgo-Mineira. *O Pioneiro*, v.5, n. 91, p. 2, jun. 1959. Este último documento é uma reportagem sobre José Alves Nogueira, contendo um depoimento seu.

⁴⁷ Note sur la Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira S.A. Luxembourg, le 25 avril 1934. Arquivo da ARBED (Aciéries de Burbach-Eich-Dudelange) em Luxembourg, Dossiê: "Notes sur la C.S.B.M. Discours..."

Os terrenos da Companhia continham importantes jazidas de ferro. As demais jazidas de importância, localizadas em Minas Gerais, estavam quase todas sob o controle de empresas estrangeiras que as haviam adquirido após a divulgação internacional que o Brasil fizera das riquezas minerais do país, no Congresso de Estocolmo, em 1910.⁴⁸

O Prefeito de Sabará, José Alves Nogueira, concedeu à Companhia, através de legislação municipal, isenção de impostos e outros privilégios, a título de estímulo.⁴⁹

A Companhia adquiriu, também, a Fazenda da Chácara, localizada em Santa Luzia, próximo a Belo Horizonte, que pertencia a José Assis Duarte. Pretendia utilizar a matéria-prima da fazenda para fabricar tijolos refratários e também plantar eucaliptos.⁵⁰

A Siderúrgica Mineira construiu em sua propriedade de Sabará um alto-forno a carvão vegetal para produção de ferro gusa, uma oficina mecânica, um almoxarifado e um escritório. O alto-forno era o maior do Brasil. Tinha a capacidade de produção de 25 toneladas diárias. Mesmo assim, a usina da Companhia era de pequeno porte, apesar de serem as instalações modernas.⁵¹

O Gerente da Companhia, engenheiro Amaro Lanari, foi encarregado de dirigir as obras de construção da Usina. Como as dificuldades eram muitas, teve de recorrer à ajuda de Gil Guatimozin para a instalação do alto-forno, construído sob a direção deste.⁵²

O professor Alberto Augusto de Magalhães Gomes, catedrático de Metalurgia e Exploração de Minas, da Escola de Minas de Ouro Preto, foi o responsável pelo projeto técnico da usina. Lanari e Guimarães solicitaram-lhe um projeto de alto-forno a carvão de madeira com capacidade de produção de

⁴⁸ CARVALHO, E. *Brasil, potencia mundial*. Rio de Janeiro: 1919, p. 18. Ver também p. 124-131.

⁴⁹ TAMBÉM este viu nascer a Belgo-Mineira. *O Pioneiro*, v. 5, n. 91, p. 2, jul. 1959. Nogueira diplomou-se pela Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1909. mesmo ano em que Lanari e Guimarães se graduaram na Escola de Minas de Ouro Preto. Em 1919, Nogueira graduou-se pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Em 1930, deixando a Prefeitura, após 20 anos no cargo, José Alves Nogueira passou a trabalhar para a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

⁵⁰ ENTUSIAMO e tenacidade garantiram..., op. cit., p. 4.

⁵¹ COMPANHIA Siderúrgica Mineira. *As Alterosas*, v. 2, n. 13, p. 8, 22 jan. 1917. ENSCH, L. l'Industrie sidérurgique au Brésil. *Revue technique Luxembourgeoise*, Luxembourg, v. 29, n. 6, p. 219, nov-dez 1937. NOTE sur la Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Luxembourg, le 25 avril 1938. Arquivo da ARBED, dossiê "Notes sur la C.S.B.M. Discours..." COMPANHIA Siderúrgica Belgo-Mineira; resumo histórico e descritivo, 1954, p. 3.

⁵² ENTUSIAMO e tenacidade garantiram..., op. cit., p. 4. GUIMARÃES, C. Carta ao jornal *O Pioneiro*, loc. cit., p. 1 e 2. RESULTADO de obstinação e espírito empreendedor..., op. cit., p. 6. Uma reportagem afirmou que Gil Guatimozin dirigiu os trabalhos da construção da usina. Cf. COMPANHIA siderúrgica Mineira. *Célula-Mater da Belgo-Mineira*, op. cit., p. 4. Christiano Guimarães, na carta citada nesta nota, em um esforço de retocar a imagem de Lanari, procurou explicar, à propósito da reportagem, que Guatimozin foi apenas "auxiliar" de Lanari. Isto que não é correto, pois Lanari era muito mais engenheiro civil que metalúrgico.

25 toneladas diárias. O desenho das plantas foi feito por Luis Orsini de Castro, na ocasião aluno da Escola de Minas, e que se tornaria depois um conhecido engenheiro ferroviário.⁵³

Amaro Lanari acompanhou, pessoalmente, em Ouro Preto, o cálculo do perfil do forno e a elaboração de seu projeto. Sugeriu alguns detalhes, que foram aceitos, visando maior racionalização e economia na construção e montagem dos equipamentos, em conformidade com a técnica mais moderna da época.⁵⁴

A Siderúrgica Mineira foi a primeira da América Latina a possuir um alto-forno de peito fechado, aquecido por aparelho "Cowper" (de abóbada cilíndrica).⁵⁵ O alto-forno estava montado sobre seis colunas. Era revestido por chapas de ferro de 1/4". Sua altura total era de 14,35 m. Os diâmetros do cadinho, ventre e "gueulard" eram, respectivamente, de 1,30 m, 3m e 2 m. As alturas do cadinho, laboratório e rampa eram, respectivamente, de 1,35 m, 40 cm e 2,55 m. O forno era soprado por 3 algaravizes de 85 cm de diâmetro e pressão de 1,50 m. O "gueulard" tinha duplo fechamento, pelo sistema "Kennedy", a fim de evitar perda de gases.⁵⁶

O alto-forno possuía um ventilador "Root" com a capacidade de 140 metros cúbicos de ar por minuto. Os gases do alto-forno eram utilizados para acionar um motor de 250 c.v., que, por sua vez, fazia funcionar um motor elétrico. Este é que movia o ventilador. O ar do ventilador era aquecido por dois aparelhos "Cowper". Cada aparelho tinha 13,35 m de altura e diâmetro externo de 4,70 m.⁵⁷

A Primeira Guerra, ainda inacabada, dificultava os fornecimentos necessários para a construção da usina. As importações estavam dificultadas. Os equipamentos para o alto-forno foram, portanto produzidos ou reconicionados no Brasil.⁵⁸ A "Companhia Mecânica e Importadora", de São Paulo, forneceu grande parte do material utilizado em Sabará: equipamento mecânico, aparelhos de carregamento, canalizações,

⁵³ FUNDAVA-SE em 1917 na Capital a Companhia Siderúrgica Mineira, antecessora da Belgo-Mineira. *O Pioneiro*, v. 3, n. 51, p. 1, jan. 1957. ENTUSIASMO e tenacidade garantiram..., op. cit., p. 4. GOMES, Francisco Magalhães. *História da Siderurgia no Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1983, p. 158 e 159. Segundo este último autor, Luis Orsini era recém-graduado na ocasião.

⁵⁴ LANARI, A., op. cit. p. 16.

⁵⁵ LUCAS, F. O ferro na história do Brasil e de Minas Gerais. *Usiminas*. Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 27, out. 1976.

⁵⁶ GERSPACHER, J. *Notas sobre usinas siderúrgicas*. Belo Horizonte, 1939, p. 19. O autor conheceu muito bem o forno, pois foi encarregado de colocá-lo em funcionamento. O desenho do alto-forno está reproduzido à p. 21. GOMES, F. M. *História da Siderurgia no Brasil*, op. cit. p. 189. (Gomes utilizou as informações de Gerspacher.)

⁵⁷ GERSPACHER, J. op. cit. p. 19. GOMES, F.M., op. cit. p. 189. SILVA, E. M. S. *O Ferro na História e na Economia do Brasil*, Rio de Janeiro: Comissão Executiva Central do Sesquicentenário da Independência do Brasil, 1972, p. 61.

⁵⁸ ENTUSIASMO e tenacidade garantiram..., op. cit., p. 4

colunas de ferro fundido, e anéis de sustentação. Forneceu, também, motores a gás pobre, fabricados no exterior e reconicionados por ela. Esta firma pertencia ao Conde Siciliano, proprietário, também, da Usina de São Caetano do Sul. Havia instalado um alto-forno Siemens-Martim em São Paulo, que podia preparar aço de qualquer tipo e fundir qualquer peça. O forno tinha capacidade de produzir 30 toneladas por dia. Era o primeiro e maior alto-forno da América do Sul.⁵⁹

As chapas para a construção do alto-forno de Sabará e dos aparelhos de aquecimento foram adquiridas e montadas por uma firma mecânica que possuía oficina em Sete Lagoas, Minas Gerais, e que pertencia a um italiano, senhor Larena. Os tijolos refratários foram produzidos por uma cerâmica localizada em Belo Horizonte, de propriedade de Carlos Antonini. A argila era extraída de terrenos situados em Santa Luzia. Outras chapas e parafusos necessários para a construção da usina foram comprados no Rio de Janeiro. A oficina mecânica montada pela siderúrgica Mineira em Sabará contribuiu enormemente para os trabalhos de construção da usina.⁶⁰

Há alguns enganos e incerteza sobre a data exata da conclusão do alto-forno de Sabará e início de seu funcionamento.⁶¹ As obras teriam sido concluídas em 1919, começando a produzir gusa no mesmo ano, conforme afirmam várias fontes.⁶² Para fazer funcionar o alto-forno, foi chamado o engenheiro José Gerspacher, que afirmou ter o forno ficado pronto para funcionar no final de 1920. Em 19 de outubro deste ano

⁵⁹ Idem, p. 4 e 5. CARVALHO, E., op. cit., p. 177-178. ABREU, A. A. & PROENÇA, M. L. C. op. cit., p. 26. BANCO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE MINAS GERAIS, *Siderurgia no Brasil*, op. cit., v. 5, p. 131. SIDERURGIA no Brasil, da Colônia ao 1.º Congresso. *Siderurgia*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 22, maio 1971. Em 1924 a Companhia Mecânica planejava instalar em Morro Grande, ramal ferroviário de Santa Bárbara, um alto-forno com capacidade produção de 25 toneladas diárias. Cf. carta de Alexandre Siciliano a Raul Soares de Moura. São Paulo, 02/05/1924. CPDOC, RS, 24.05.02/2.

⁶⁰ ENTUSIASMO e tenacidade garantiram..., op. cit., p. 4.

⁶¹ Afirmaram, em evidente engano, que o alto-forno começou a produzir em 1917, as duas seguintes fontes: SIDERURGIA no Brasil, da Colônia ao 1.º Congresso, op. cit., p. 20. KEHDY, M. O. & BAGGIO, S. B. *Arquivos Mineiros na República Velha*, Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1983, v. 3, p. 548. A previsão inicial era que o alto-forno começasse a produzir em 1917, pois neste ano ele estava quase pronto. Cf. COMPANHIA Siderúrgica Mineira. *As Alterosas*, v. 2, n. 13, p. 8, 27 jan. 1917. GUIMARÃES, A. C., *Introdução ao relatório apresentado ao (...) Secretário da Agricultura (...) referente ao ano de 1917*, Belo Horizonte: 1918, p. 31. O próprio órgão oficial da Belgo Mineira informou que o alto-forno de Sabará foi construído em 1916. Cf. INTEIRAMENTE remodelado o alto-forno no. 2 de Siderúrgica. *O Pioneiro*, v. 1, n. 20, p. 1, out. 1955.

⁶² COMPANHIA Siderúrgica Mineira, *Célula-Mater...*, op. cit., p. 4. HORTA, C. R., op. cit., p. 2. GUIMARÃES, A. P. *Siderurgia em Minas Gerais*, p. 54. RESULTADO de obstinação e espírito empreendedor, op. cit., p. 6. PASSOS, J. M. N. *Monlevade...*, op. cit., p. 14. CONHEÇA sua empresa. *Belgo-Mineira Notícias*, v. 1, n. 9, p. 3, abr. 1976. LUCAS, F., loc. cit., p. 27. CINCO idealistas fundaram uma pequena usina... *Belgo-Mineira Notícias*, v. 7, n. 75, p. 3, dez. 1081. Outro jornal da Belgo-Mineira apresenta uma versão mais complicada: "Em princípios de 1920, a usina era posta novamente em funcionamento. O alto-forno (...) entrara em marcha. O problema da construção do alto-forno fora resolvido satisfatoriamente. Restava agora o da sua operação." Cf. ENTUSIASMO e tenacidade, op. cit., p. 5. esta versão supõe que antes do início de 1920, portanto, em 1919, o alto-forno foi posto em funcionamento, mas sem êxito.

Gerspacher acendeu o forno. Em 1o. de novembro seguinte, procedeu à primeira corrida de gusa, sem nenhum problema. O forno funcionou perfeitamente durante dois dias. Gerspacher entregou, então, os trabalhos do forno à responsabilidade do engenheiro Gil Guatimozim. Gerspacher era um dos três empresários que haviam construído a Usina Esperança, em 1888, em Itabirito, e, em 1983, outra pequena usina em Miguel Burnier, ambas em Minas Gerais.⁶³

O minério de ferro utilizado inicialmente no alto-forno de Sabará provinha de jazidas situadas a três quilômetros da estação de Pompéu, de onde era transportado para a usina pelos trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil. Utilizavam-se três tipos de minério: a canga, o itabirito compacto e a jacutinga em pó e silicosa. O calcáreo vinha de Vespasiano. O carvão era produzido com a madeira das matas da região e era transportado para a usina por diversos meios, inclusive tropas de burros.⁶⁴

Na ocasião da construção do alto-forno de Sabará, a produção total diária de ferro gusa em Minas Gerais era de 40 toneladas, proveniente de três fornos localizados em Miguel Burnier e Itabirito (dois altos-fornos da Usina Esperança), todos pertencentes à firma Queiróz Júnior & Cia. Calculando-se que a Siderúrgica Mineira produzisse 20 toneladas diárias de gusa, a produção de Minas Gerais seria elevada para 60 toneladas diárias. A produção anual do Estado atingiria aproximadamente 21.600 toneladas por ano. O consumo de ferro gusa pelas fundições brasileiras era superior a 150.000 toneladas por ano.⁶⁵ A contribuição da Siderúrgica Mineira, embora fosse importante, comparativamente, no contexto mineiro, não representava, ainda, um avanço significativo para as necessidades de consumo do Brasil.

O alto-forno da Siderúrgica Mineira foi remodelado, posteriormente, pela Belgo-Mineira e, sob novas condições técnicas e aperfeiçoamento operacional, chegou a uma produção média diária superior a 70 toneladas de ferro gusa.⁶⁶ As anti-

⁶³ GERSPACHER, J., op. cit., p. 19. SILVA, E.M.S., op. cit., p. 62. BAER, W., op. cit., p. 80. GOMES, F. M., op. cit., p. 189. O jornal "O Pioneiro", órgão da Belgo-Mineira, contraria a informação de Gerspacher, segundo a qual a primeira corrida de gusa teria ocorrido sem problemas. O jornal conta que durante a corrida de gusa teria ocorrido um acidente provocado por uma explosão de gás às seis horas da manhã, presenciada por dezenas de pessoas que estavam no trem que ia partir para Santa Bárbara. Cf. *O Pioneiro*, v. 3, n. 51, p. 5, jan. 1957. Por outro lado, o operário José Silva, que trabalhou na construção da usina e assistiu sua inauguração, não menciona ocorrência de acidente, em seu depoimento sobre a primeira corrida de gusa da Companhia. Cf. QUERÍAMOS ver o progresso., ter a usina em funcionamento. *O Pioneiro*, v. n.2, p. 2, 10 jan. 1955.

⁶⁴ GERSPACHER, J., op. cit., p. 19. SILVA, E. M. S., op. cit., p. 62.

⁶⁵ GUIMARÃES, A. C. *Introdução ao Relatório...*, op. cit., p. 31. CARVALHO, E., op. cit., p. 177. BERNARDES, A. S. Mensagem ao Congresso Mineiro. *Anais do Senado Mineiro*, 1922, p. 35.

⁶⁶ INTEIRAMENTE remodelado o alto-forno n. 2 de Siderúrgica. *O Pioneiro*, v. 1, n.20, p. 1, out. 1955. Em 19976 o alto-forno ainda era utilizado pela Belgo-Mineira. Cf. LUCAS, F., loc. cit., p.

gas instalações da Siderúrgica Mineira passaram por remodelações que as descaracterizaram. Novas instalações foram construídas em Sabará pela Belgo-Mineira, sucessora da Siderúrgica Mineira. O antigo "forninho", veterano, chegou a funcionar até recentemente. Em 1984 estava inteiramente desmontado, nada mais restando de pé, também, das primeiras instalações siderúrgicas de Sabará.⁶⁷

Dificuldades enfrentadas pela Companhia

A Companhia Siderúrgica Mineira enfrentou diversas dificuldades, vencendo muitas, mas restando duas intransponíveis. A experiência siderúrgica de seus dirigentes era pequena ou quase nula. As obras da usina não dispunham de energia elétrica pois a usina hidrelétrica de Sabará era tão precária que mal permitia atender às necessidades urbanas. A construção e depois a operação do alto-forno dependia de energia produzida no próprio local, com gás de gasogênio ou proveniente do alto-forno. O início do funcionamento da Usina foi atrasado graças a um acidente grave com um motor "Sulzer", de fabricação suíça. Os trabalhos foram retomados somente depois que se conseguiu outro motor igual em Magé, Estado do Rio de Janeiro.⁶⁸

Ocorreu não somente um atraso no cronograma⁶⁹ de construção da usina, mas o próprio orçamento inicial foi ultrapassado. Os investimentos atingiram a elevada soma de 1.200:000\$000 (um mil e duzentos contos de réis). O capital inicial era de 350 contos, podendo ser elevado, conforme os Estatutos da sociedade, para mil contos. Os acionistas já haviam feito sacrifícios e os dirigentes da firma temiam ter que lançar mão de seus bens pessoais para permitir a sobrevivência da Siderúrgica Mineira.⁷⁰

O engenheiro Gil Guatemozim, que dirigiu a construção

27. Sua utilização foi também noticiada posteriormente: FERNANDES, FRANCISCO Rego Chaves (coord.). *Os maiores mineradores do Brasil*, perfil empresarial do setor mineral brasileiro. Brasília: CNPq/Emep Editorial, 1982, v. 2, p. 397.

⁶⁷ O Gerente Geral da Usina de Sabará, Ery Gloor, conservava em seu gabinete, em 1984, um tijolo proveniente do primeiro alto-forno construído na usina.

⁶⁸ ENTUSIASMO e tenacidade garantiram... *O Pioneiro*, v. 3, n. 51, p. 5, jan. 1957.

⁶⁹ Notícia publicada em jornal de Sabará informava: "Estão quase concluídos, pelo que nos informam, os serviços de instalação d'essa importante Companhia; assim, espera-se para breve a inauguração de seus trabalhos que, certo, grande importância darão à nossa cidade." COMPANHIA Ciderúrgica (sic) Mineira. *Gazeta-Sabará*, v. 1, n. 13, p. 1, 8 dez. 1918.

⁷⁰ ENTUSIASMO e tenacidade garantiram... op. cit., p. 5. ESTATUTOS da Companhia Siderúrgica Mineira, art. 3o. JUCEMG: 3.687.

do alto-forno de Sabará, descreveu as dificuldades que a siderurgia enfrentava em Minas Gerais:

Se lançarmos um olhar retrospectivo para aqueles tempos em que tudo faltava, pessoal técnico, laboratórios e máquinas; em que um furo de corrida duro se resolvia, quando possível, por meio de arrombador e dois malhos de 12 quilos, dado que não havia oxigênio industrial; quando os temos trabalhavam 12 horas e, aos sábados, nas mudanças de trabalho diurno para noturno, 18 horas; época em que os fornos, de peito aberto, apresentavam cadinhos tão acanhados que o vazamento de uma ventaneira bastava, não raro, para comprometer a produção por vários meses, podemos sem exagero afirmar que cada tonelada de gusa, em verdade, custava sangue, suor e lágrimas.⁷¹

Vencendo as dificuldades técnicas e financeiras, construiu-se o alto forno de Sabará e ele começou a produzir.⁷² Mas havia, ainda, outro problema sério para enfrentar, o problema do mercado para a produção siderúrgica nacional após o fim da Primeira Guerra. A venda de 2 mil toneladas de gusa, com pagamento adiantado, feito à firma L. B; de Almeida, do Rio de Janeiro, constituiu um grande alento para a Siderúrgica Mineira.⁷³

A empresa necessitava aumentar a produção de ferro gusa e também iniciar a produção de aço, indústria nova no Brasil que envolvia grandes dificuldades. Os problemas da Siderúrgica Mineira poderiam ser resumidos em duas palavras: capital e tecnologia, que representavam fatores essenciais.⁷⁴

A Companhia tentou obter um empréstimo, procurando beneficiar-se de incentivos proporcionados por legislação federal. Em 05 de abril de 1920 dirigiu um requerimento ao Ministro da Agricultura, neste sentido. As leis de número 12.943 e 12.944, de 30 de março de 1918, autorizavam o governo federal a conceder proteção às indústrias siderúrgicas que se fundassem no Brasil. A Siderúrgica Mineira obteve autorização para assinar contrato com o governo a fim de obter em-

⁷¹ Apud ENTUSIASMO e tenacidade garantiram..., op. cit., p. 5. Trata-se de trecho de um discurso em homenagem à memória do siderurgista J. J. Queiróz Júnior, sem indicação data. Porém, o redator do artigo, publicado em janeiro de 1957, escreveu que o discurso era "recente".

⁷² BERNARDES, A. S. Mensagem ao Congresso Mineiro... 1921, loc. cit., p. 35.

⁷³ ENTUSIASMO e tenacidade garantiram..., op. cit. p.5. Baer afirma que a Siderúrgica Mineira "aparentemente experimentou muitas dificuldades em suas bases iniciais de produção." Cf. BAER, W., op. cit. p. 82. Não foi só aparentemente...

⁷⁴ BERNARDES, A. S. Mensagem..., 1921, loc. cit., p. 35. CONHEÇA sua empresa. *Belgo-Mineira Notícias*, v. 1, n. 10, p. 3, maio 1976, repetido no v. 7, n. 75, p. 3, dez. 1981.

préstimo no valor de 1.800 contos, tomando por base os bens da empresa.⁷⁵

Para se ter uma noção das dificuldades que a Companhia enfrentou tentando receber o dinheiro do empréstimo, é suficiente saber que somente em 1922 o governo mandou avaliar os bens hipotecáveis da empresa, pelo engenheiro Luis Flores de Moraes, que os estimou em 1.700 contos. Mas, nesta data, a Siderúrgica Mineira já havia se transformado em Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.⁷⁶ A Belgo-Mineira, só a muito custo conseguiria efetivar o empréstimo, muito tempo depois de sua solicitação. Falhou, portanto, para a Siderúrgica Mineira a tentativa extrema de buscar recursos financeiros junto ao governo federal.

A Companhia tentou, também, solucionar o problema da insuficiência tecnológica buscando os recursos onde esperava ser possível obtê-los, no exterior. mas, também, sem sucesso em sua primeira tentativa. No ano de 1917, pouco após a sua constituição, os diretores da Companhia procuraram o Cônsul da Bélgica em Belo Horizonte, J. Verdussen, com o objetivo de obter sua intermediação a fim de contratar um contra-mestre e um ajudante belgas que pudessem instruir os trabalhadores brasileiros da usina de Sabará e dirigir as atividades dos altos-fornos e conversores que seriam futuramente instalados pela empresa. Verdussen transmitiu o pedido ao encarregado da Legação Belga no Rio de Janeiro. Este, então, informou o Ministro do Exterior da Bélgica, em Le Havre, anexando o texto contendo as condições de trabalho oferecidas pelos brasileiros. O contra-mestre e o ajudante receberiam salários mensais correspondentes a 625 e 375 francos., respectivamente, sem levar em conta as despesas com habitação. Mesmo acreditando que os trabalhadores belgas seriam tratados no Brasil, o Encarregado da Legação tinha suas reservas sobre a possibilidade de se enviar trabalhadores belgas especializados em siderurgia ao Brasil.⁷⁷

A Companhia Siderúrgica Mineira oferecia as seguintes condições de trabalho aos belgas que aceitassem vir para o Brasil:

⁷⁵ MEMORANDUM dos diversos pedidos que a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira submete à benevolente atenção de S. Excia. O Snr. Dr. Raul Soares, digníssimo Presidente do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 30 de dezembro de 1922. CPDOC: RS 23.01.08/3. ABREU, A.A. & PROENÇA, M.L.C., op. cit., p. 31.

⁷⁶ TRENTIÈME rapport pour Messieurs Barbanson et Mayrisch. Belo Horizonte, 12/03/1922. Arquivo da ARBED em Luxemburgo, dossiê C.S.B.M. Rapports techniques mensuels, août 1921-avril 1922, v. 1.

⁷⁷ ENCARREGADO da Legação belga no Rio de Janeiro /ilegível/, ao Barão de Beyens. Rio de Janeiro, 13/03/1917. Arquivo do Ministério do Negócios Exteriores da Bélgica (AMAEB), dossiê 4382, folhas "Emigration au Brésil".

- 1°. Un contrat de 3 ans renouvelable au but de ce terme.
 - 2°. Frais de voyage en second classe pour l'ouvrier et sa famille, tante au retour qu'à l'aller.
 - 3°. Logement pour l'ouvrier et sa famille.
 - 4°. Un salaire de 500 mil réis pour mois pour le contra-maitre et 300 mil réis pour l'aide ouvrier.
 - 5°. Les appointements commenceront à courir dès le jour de l'embarquement dans un port d'Europe en destination pour le Brésil.
 - 6°. En cas de force majeure (maladie tant pour l'ouvrier que pour sa famille, accidenté ou décès) le contrat pourra être résilié avant l'expiration du terme prévue et la voyage du retour sera dû.
 - 7°. Une résiliation du contrat pourra être la conséquence d'intempérance en fait du boisson, cela après des remontrances suivies de retenues de salaire, retenues que ne pourront jamais dépasser 10% de sa valeur au maximum.
 - 8°. Les ouvriers prennent l'engagement d'instruire le personnel brésilien qui travaille sous leurs ordres, pour la partie qui leurs incombe.
- Observation: l'avance d'une mensualité pourra être faite pour préparatifs de voyage.*⁷⁸

O Ministro do Exterior da Bélgica consultou seu colega, o Ministro da Indústria, sobre a proposta dos brasileiros. A resposta deste último foi negativa, nos seguintes termos: Não temos interesse em perder técnicos como estes, o que traria como consequência a criação e o desenvolvimento de indústrias no exterior que fariam concorrência às indústrias belgas, além de agravar a penúria de mão-de-obra qualificada de que sofreria a Bélgica após o término da guerra.⁷⁹

O desejo dos dirigentes da Siderúrgica Mineira não puderam se realizar. Ficaram sem os preciosos trabalhadores especializados belgas. Não era ainda desta vez que o governo e os industriais belgas iriam *colaborar* para o *engrandecimento* do Brasil. estavam voltados, exclusivamente, para as necessidades próprias. Talvez em um futuro próximo mudassem suas perspectivas e resolvessem *ajudar* o Brasil, como ocorreria com a criação da Companhia Belgo-Mineira, pouco depois, a partir da compra da Siderúrgica Mineira.

Não era brilhante o futuro da Siderúrgica Mineira, sem

⁷⁸ CONDITIONS qui seront faites pour l'engagement d'un contre-maitre capable de diriger des hauts-fourneaux et convertisseurs ainsi qu'un aide. Copie; Consulat de Belgique à Bello-Horizonte. B. H. 10/03/1917. AMAEB, 4382, folhas "Emigration au Brésil".

⁷⁹ MINISTRO da Indústria e Trabalho da Bélgica ao Ministro do Exterior da Bélgica. Le Havre, 28/04/1917. AMAEB, 4382, folhas "Emigration au Brésil".

perspectivas de resolver seus dois problemas básicos, tecnologia e capital. Sua sobrevivência ficava ameaçada. Em outubro de 1920, quase quatro anos após sua constituição, continuavam insolúveis estes dois graves problemas da empresa. A solução encontrada foi a *associação* ao capital estrangeiro conforme se verá mais adiante, mas que, de fato, marcou o fim da Companhia.

Testemunhos e vida operária

O jornal "O Pioneiro", da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, fundado em 25 de dezembro de 1954, dedicou sua seção "Velha Guarda" a pequenas reportagens sobre alguns dos mais antigos trabalhadores da empresa, que ingressaram na época da antiga Siderúrgica Mineira. O jornal apresenta informações e depoimentos dos operários, tratando de aspectos antigos e mais recentes da vida de cada um e da empresa. Todos os empregados ainda trabalhavam na Belgo-Mineira na ocasião da publicação das reportagens.

Do material publicado ressalta, sempre, a imagem de um empregado satisfeito com seu trabalho e com a empresa, leal e dedicado ao serviço e ao patrão e realizado na vida. O caráter oficial e laudatório das matérias publicadas não elimina sua importância como fonte para o conhecimento da Siderúrgica Mineira, especialmente se levado em conta a escassez de documentos sobre os aspectos da vida operária na usina da Companhia.

José Silva era, em 1955, o mais antigo empregado da Belgo-Mineira ainda em serviço, contando 36 anos de trabalho na empresa. Nasceu em 1892. Em 1910, com a idade de 17 anos, foi admitido na firma. José Silva relata como era seu trabalho, que consistia, então em ajudar a transportar as máquinas necessárias à usina:

Naquele tempo não havia estação /ferroviária/ de Siderúrgica. Pelo desvio que saía de Sabará, transportamos o motor a gás, os primeiros compressores e o elevador de carga do primeiro alto-forno que era instalado sob a chefia do Dr. Gil Guatimozin.⁸⁰

⁸⁰ QUERÍAMOS ver o progresso, ter a usina em funcionamento. *O Pioneiro*, v. 1, n. 2, p. 2, 1o. jan. 1955. "Siderúrgica" é o nome do local onde está a usina.

José Silva assistiu à inauguração da usina de Sabará. Foi um ato simples, sem muita festa, acompanhado de cerveja para o pessoal, conforme conta:

Fiquei realmente emocionado quando presenciei a primeira corrida de gusa no dia da inauguração da usina. Aquilo era uma novidade para quase todos nós e nos sentimos tocados de emoção quando vimos o ferro correr.⁸¹

O fato de ser a corrida de gusa uma novidade para a maioria dos presentes significa que eram poucos os trabalhadores de então que conheciam uma usina siderúrgica. Quase toda a mão-de-obra da usina de Sabará era desqualificada. José da Silva informa, também, sobre as condições de trabalho na Usina:

Naquela época não havia horas fixas para o trabalho. Entrávamos de manhã e não sabíamos quando iríamos sair. Ficávamos trabalhando conforme a necessidade do serviço. Queríamos ver o progresso, ter a usina em pleno funcionamento. Não posso deixar de falar no Dr. Gil Guatimozin que, além de ser um chefe muito bom, era também um grande amigo dos operários que sempre o estimaram merecidamente.⁸²

José Balbino Gomes era o segundo empregado mais antigo em atividade na Belgo-Mineira, em 1954. Nasceu em Sabará. Com sete anos ficou órfão. Terminando o curso primário teve que trabalhar para ajudar a mãe a tratar da família. Com 15 anos entrou para a Siderúrgica Mineira, trabalhando como *binante*. Quebrava pedras para fazer concreto, pois não havia britadeira na época. Posteriormente, foi carroceiro, manobreiro de gás do alto-forno, passando por outros serviços até, finalmente, dedicar-se ao serviço elétrico na Belgo-Mineira. Sobre seu trabalho inicial na Siderúrgica Mineira, José Balbino Gomes diz:

Fui admitido como "binante" (...) Lembro-me bem desse tempo. Ganhava um cruzeiro (um mil réis, na época) por dia. Era dura a vida mas confesso que tinha saudades, assim mesmo. (...) Gostei de ter entrado para a profissão, que é toda a minha vida...⁸³

⁸¹ Ibidem. José Silva não menciona a ocorrência de acidente durante a inauguração da usina.

⁸² Ibidem.

⁸³ EM MONLEVADE, em cada cantinho, há um serviço meu. *O Pioneiro*, v.1, n. 1, p. 2, 25 dez. 1954.

José Elisário da Silva nasceu em Sabará, em 27 de setembro de 1883. Entrou para o serviço da Companhia em 1917, nos primeiros meses da construção da usina. Seu primeiro trabalho foi roçar o mato. Depois foi para a oficina mecânica. Ganhava 700 réis por hora. Elisário trabalhou cerca de um ano na empresa, retornando em 1927, quando já havia se transformado em Belgo-Mineira. Diz ele:

Éramos uns cinqüenta trabalhadores no começo. Meus primeiros chefes foram o Dr. Gautimozinn e Adolfo Machado. O regime de trabalho era mais duro, 12 horas por dia, tudo por fazer, quase nenhuma assistência social. Não tínhamos garantia nem a proteção da Legislação trabalhista.⁸⁴

Antônio Leite Filho começou a trabalhar na usina em 1918. Em 1920 deixou o emprego e foi trabalhar como garçon em Belo Horizonte. Um ano depois voltou ao serviço na usina. Sobre seus primeiros anos de serviço na Siderúrgica Mineira, diz que eram duras as condições de trabalho e o salário muito baixo. Um operário recebia cerca de 70 mil réis mensais.⁸⁵ Diz Antônio Leite:

Em 1922, com a passagem da usina para a Belgo-Mineira, as coisas foram melhorando. Grandes modificações foram introduzidas em todos os setores de modo que os próprios operários sentiam que Siderúrgica iria iniciar uma nova fase de sua existência.⁸⁶

Armando Fantini nasceu em Ferrara, Itália, em 1888. Com seis anos veio para o Brasil, acompanhando os pais. Morou em Juiz de Fora, Barbacena, Nova Lima e, finalmente, em Sabará. Começou a trabalhar na Usina em 1918, como covoqueiro. Deixou a empresa em 1919, retornando em 1921. Aprendeu, então como engenheiro Gil Gautimozim, o ofício de mecânico, em que trabalhou até 1955.⁸⁷

Antônio Esteves nasceu em 1891. Muito novo ainda começou a trabalhar na Usina Esperança. De aprendiz passou ao trabalho no alto-forno. Em 1919, começou a trabalhar na usina de Sabará, conforme conta:

⁸⁴ JOSÉ ELISÁRIO, um caçador que não mente... Ibidem, v. 2, n. 33, p. 2, abr. 1955. Ver, também, p. 4.

⁸⁵ ANTONIO Leite Filho viu nascer a Belgo-Mineira. Ibidem, v. 2, n. 48, p. 2 e 4, dez. 1956.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ ARMANDO Fantini há 34 anos monta e desmonta máquinas em Siderúrgica. Ibidem, v. 1, n. 4, p. 2, 10 fev. 1955. Armando Fantini Júnior, seu filho, também trabalhou na Belgo-Mineira. Foi Prefeito de Sabará, pelo PDS, partido ligado ao governo federal, na década de 1980.

Vim para Siderúrgica em 1919. Estava com 28 anos. Isso aqui estava no começo. Poucos acreditavam no sucesso da antiga Companhia Mineira de Siderurgia (sic). Pouco antes havia acontecido uma guerra danada que terminou com a derrota dos alemães. Era tudo difícil pois as condições de trabalho eram ainda fracas. Os doutores acreditavam, ao contrário dos outros, no futuro do trabalho. Para mim que vinha de Esperança, Siderúrgica fazia pouca diferença. Estranhei no princípio. Depois me acostumei, fiz amizades com companheiros de trabalho que perduram até hoje. Foi um primo que me sugeriu a transferência da Usina de Queiróz Júnior para Siderúrgica. Ganhava pouco mais de 900 réis por mês. Apesar de pouco, o dinheiro dava bem para tocar a vida. /Ele morava em casa de pedra, iluminada com lamparina de querosene, sem conforto algum./ Consegui em pouco tempo uma melhoria de vencimentos. De quatro mil réis por dia passei a perceber onze mil réis. Com o aumento de salário veio também a ampliação das horas de serviço.⁸⁸

Antônio recorda o funcionamento dos primeiros tempos da usina em Sabará:

Imagine só, moço, que o transporte do minério de ferro era muitas vezes feito em balaio. As caçambas somente não davam conta do recado. O carregamento do carvão se fazia em cesto, depois de longas caminhadas em lombo de burro pelos difíceis caminhos das matas.⁸⁹

Antônio Rodrigues Crispiniano nasceu em Sabará, em 1906, Bairro de Nossa Senhora do Ó, onde se localizaria depois a usina da Companhia. Em 1920 ingressou na firma, conforme conta:

Bem cedo comecei a lutar pela vida. Órfão aos 14 anos de idade, compreendi a obrigação de auxiliar minha querida Mãe. Ainda usava calças curtas quando o senso de responsabilidade (...) fez com que procurasse o Dr. Gil Guatimozim (...) e lhe expuzesse, com toda a franqueza, a minha triste sorte de menino órfão e sem recursos. Pedi-lhe qualquer serviço. Eu precisava ganhar qualquer coisa para ajudar as despesas da casa. No dia

⁸⁸ ANTONIO Esteves, o BELGA de Siderúrgica, conta sua vida metalúrgica. *Ibidem*, v.1, n. 4, p. 2, 10 fev. 1955.

⁸⁹ *Idem*.

seguinte ao pedido já estava trabalhando. A primeira função: quebrar pedras para a concretagem das bases dos edifícios dos fornos e das oficinas da recém-constituída Companhia Siderúrgica Mineira, antecessora da Belgo-Mineira na fundação do grande parque siderúrgico de que Minas tanto se orgulha.⁹⁰

Antônio Aires nasceu em 1903. Em 1920, com 17 anos, foi admitido na Siderúrgica Mineira, tendo antes trabalhado na Usina Esperança como forneiro. Em seu novo emprego começou trabalhando no alto-forno. Em seguida foi passando por todas as seções da Companhia, fixando-se, em 1923, na seção de eletricidade.⁹¹

Raimundo Bebiano nasceu em 1910. Entrou para a Companhia em 15 de fevereiro de 1921, com 11 anos, indo quebrar pedras para a construção da usina. Durante muitos anos enfrentou os serviços mais pesados.⁹²

Augusto Nascimento trabalhava como mecânico na usina de Sabará, em 1920. Seu filho João Nascimento, com seis anos lhe levava o almoço todos os dias, tomando assim, contato com a vida na usina. Aos 13 anos foi admitido na Companhia.⁹³ Olinto Mateus Pereira começou a trabalhar em 1921, como pedreiro.⁹⁴

Afonso Agostinho Alves nasceu em Ouro Preto. Trabalhou na Usina Esperança e depois na Usina São Julião (Burnier). Nesta última, Domingos Braga lhe ensinou o ofício de forneiro. Durante algum tempo trabalhou em uma fábrica de tecidos em Santa Luzia, apesar de ter aprendido a trabalhar em alto-forno. Em 9 de março de 1920 passou a trabalhar na Usina de Sabará como segundo forneiro e, depois, como primeiro forneiro.⁹⁵

Absorção pelo capital estrangeiro

Os dirigentes da Companhia Siderúrgica Mineira, na tentativa de solucionar os problemas vitais de capital e tecnologia, buscaram, sem sucesso, o apoio financeiro federal e o

⁹⁰ EU VI NASCER esta usina. *Ibidem*, v. 1, n. 11, p. 2, maio 1955.

⁹¹ EM 35 ANOS de serviço, nenhum acidente de trabalho. *Ibidem*, v. 2, n. 29, p. 2, fev. 1956.

⁹² RAIMUNDO Bebiano, fortaleza de ânimo num físico de atleta. *Ibidem*, v. 1, n. 15, p. 2, jul. 1955.

⁹³ AJUDOU a fabricar o primeiro laminado de trilhos da América Latina. *Ibidem*, v. 1, n. 23, p. 2, nov. 1955.

⁹⁴ GERAÇÕES em Siderúrgica... *Ibidem*, v. 1, n. 2, p. 4.

⁹⁵ SÓ PRETENDO sair da Usina quando morrer. *Ibidem*, v. 1, n. 6, p. 2, 10 mar. 1955.

apoio da Bélgica, que também foi negado. Um dos dirigentes, Christiano Machado era ligado ao Consulado Belga em Belo Horizonte. E a Bélgica, tinha um história siderúrgica brilhante. A solução encontrada, após o final da Guerra, foi aceder à proposta estrangeira de associação ao capital franco-belgo-luxemburguês. Em 1921 a Companhia Siderúrgica Mineira foi adquirida pelo capital franco-belgo-luxemburguês, liderado pela ARBED (Aciéries de Burbach-Eich-Dudelange), luxemburguesa, e pelo luxemburguês Gaston Barbanson, transformando-se na Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

Assim, se resolveram as dificuldades da empresa, mas às custas de gerar sua extinção e o nascimento de outra empresa siderúrgica. A história da absorção da Companhia Siderúrgica Mineira pelo capital estrangeiro deve ser estudada no contexto da expansão do capital belgo-luxemburguês, o que constituirá objeto de outro trabalho, para não alongar muito os limites deste artigo.

Deve-se destacar, entretanto, o *interessante* processo de absorção da Companhia Siderúrgica Mineira pelo capital internacional. Constituída a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, esta comprou as ações da Siderúrgica Mineira pagando com ações da nova empresa. A Mineira foi extinta e seu patrimônio incorporado pela Belgo-Mineira.

Conclusões

O exame dos dados biográficos de seus principais acionistas e da composição do capital da Companhia Siderúrgica permite verificar que as famílias Lanari e Guimarães detinham o controle acionário da empresa. Os oito membros de duas famílias eram subscritores de 1.075 ações de um total de 1.750 ações pertencentes a 20 acionistas. A família Lanari possuía 825 ações e a família Guimarães 250. Ambas detinham 61,43% do capital, sem computar as 25 que pertenciam a Ovídio de Andrade, sogro de Lanari. Como se vê, não é exato afirmar que a Companhia pertencia à família Guimarães.⁹⁶

A análise da composição do capital inicial da sociedade e dos dados biográficos dos principais subscritores permite ainda perceber a proveniência do capital. A vinculação entre a acumulação de capital proveniente da cafeicultura e a industrialização de Minas Gerais é uma questão que necessita ainda de pesqui-

⁹⁶ JANSSENS, B. *Étude du processus d'industrialisation à Minas Gerais dans le contexte de la division interregionale du travail au Brésil*. Louvain-la-Neuve, 1978, p. 85. O autor incorre neste erro.

sas.⁹⁷ No caso da Siderúrgica Mineira, pode-se ver que a família Lanari, principal acionista, tem suas origens em imigrantes italianos dedicados à agricultura, embora Lanari não seguisse o mesmo ramo de atividades de seu pai. O total das ações dos indivíduos da família ligados à agricultura era considerável: 575 ações, ou seja, quase 33% do capital inicial.

De outro lado estavam acionistas ligados a atividades comerciais, financeiras e industriais, como os Guimarães, Sebastião Augusto de Lima e o próprio Amaro Lanari, que detinham 500 ações. Não se sabe, entretanto, se o capital de Lanari (250 ações) provinha de recursos pessoais ou se foi cedido por seu pai.

As demais ações estavam distribuídas em proporções mais ou menos iguais entre subscritores provenientes do exercício de atividades agrícolas e industriais ou comerciais, como se pode supor, na ausência de fontes específicas. O capital de procedência agrícola, de um lado, e de outro o de origem comercial e industrial, contribuíram com peso aproximadamente igual para a composição do capital inicial da Siderúrgica Mineira, sem que houvesse predominância quase total de um outro ramo do capital.

É importante salientar que Gil Guatimozim era o único dirigente da firma com maiores qualificações técnicas para o trabalho siderúrgico. Lanari e Guimarães, apesar de serem ambos engenheiros metalúrgicos, tinham experiência mais no campo da engenharia civil e administração de empresas, respectivamente. Os trabalhadores que dispunham de conhecimento siderúrgicos necessários ao funcionamento da usina, provinham da Usina Esperança. Não dispunham de grande experiência e tradição de trabalho siderúrgico, nem conheciam as técnicas mais modernas desenvolvidas ou empregadas nas grandes siderúrgicas européias.

Em linhas gerais, pode-se descrever a Companhia Siderúrgica Mineira como sendo uma empresa de característica praticamente familiar, com insuficiência de capital e tecnologia, sendo o capital de proveniência tanto do setor agrícola como do comércio e indústria. Era uma empresa em crise, necessitando urgentemente resolver suas necessidades de capital e tecnologia.

A Companhia enfrentou dificuldades imensas não só para construir seu alto-forno, mas, também, para mantê-lo funcionando e comercializar sua produção. Muitas dificuldades foram vencidas. Entretanto, os dois problemas vitais, capital e

⁹⁷ LIMA, J. H. *Café e indústria em Minas Gerais (1870-1920)*, Petrópolis: Vozes, 1981, p. 102. O autor, depois de estudar a acumulação cafeeira e a expansão industrial em Minas Gerais até 1920, chega à seguinte conclusão: "Os poucos dados não nos permitiram constatar se teria havido uma vinculação direta entre a acumulação cafeeira e a expansão industrial." (Ibidem.)

tecnologia, constituíam obstáculos que estavam se mostrando intransponíveis para a direção da empresa. A solução encontrada, com atuação decisiva de Christiano Guimarães, foi associar-se ao capital estrangeiro. Porém, aplicada esta solução, a Companhia Siderúrgica Mineira deixava de existir, surgindo em seu lugar a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira que era, na realidade, outra empresa utilizando os *restos* da anterior.